

NOVIDADE

SUL DO BRASIL

LITERATURA

APACOTUH

TIO &
CHACO
DAS
MERCEDES

CORTE.

Um anno	148000
Seis meses	78000
Tres mezes	38500

N. 23.

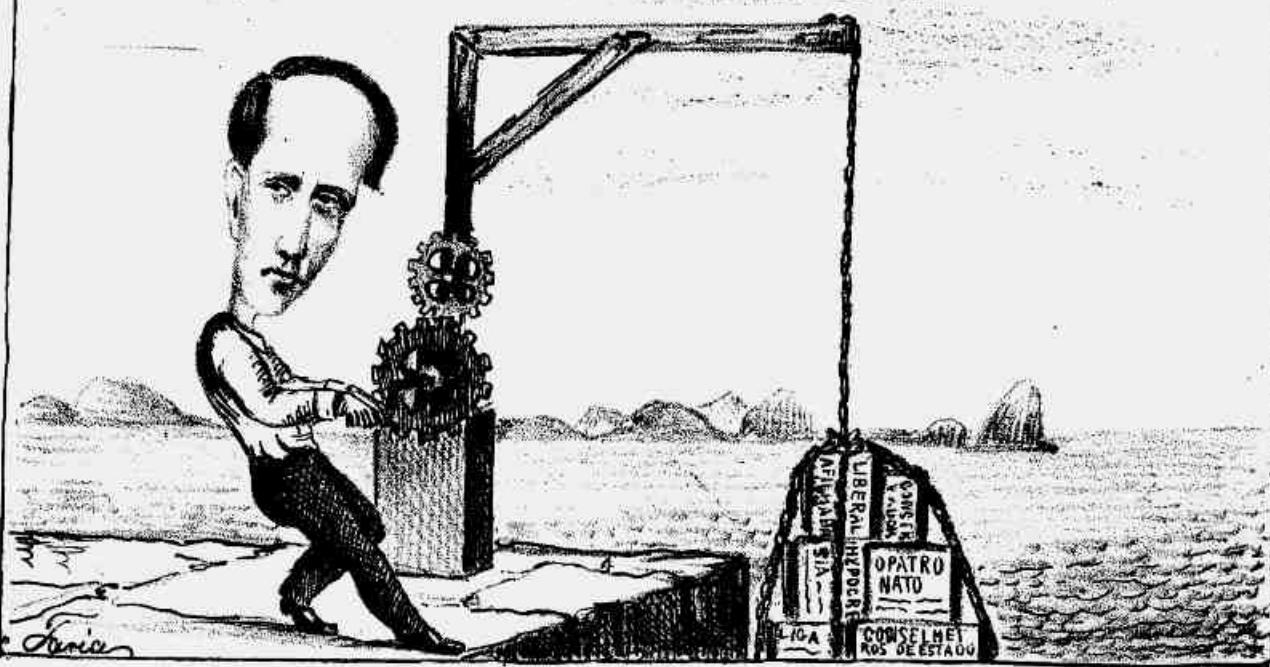
A N C I

PROVINCIAS.

Um anno	148000
Seis meses	78000
Avulso	300 rs.

PUBLICA-SE AOS SABBADOS.—ASSIGNA-SE Á RUA DO ROSARIO N. 116, SOBRADO.

BIBLIOTECA NACIONAL
S.R.M.
1931
53



O quindaste político.

Icemos esses fardos e equilibremos os partidos para minha segurança. Eu sou o papa da *Liga*, e em seu nome não posso ser lolo!

A RACOTELHA

NOVIDADES DA SEMANA.

Rio, 13 de Setembro de 1866.

Em memoria de uma data que nos é estremecidamente sagrada, celebrou a sociedade brasileira *Ensaios Litterarios* uma sessão especial. Foi á 7 de Setembro, lembrança que não morre, data que não envelhece.

Era a sessão um mundo de flores, de musica e de senhoras. Alli a formosura do bello sexo congravava se com a infância da mocidade, alli as letras abraçavão-se com as artes; alli era tudo doce união, suave composto de patriotismo, elegancia e primor.

A sessão teve tres partes: cada qual mais primorosa, mais ingente, e quem sabe se não mais bela!

Abriu a primeira parte o discurso do presidente o Sr. Antonio Leitão. Seguiu-se-lhe o hymno da Independencia, habilmente executado em o piano, harmonica e flauta.

O Sr. Bomsucesso Junior leu um magnifico trabalho da Exma. Sra. D. Anna de Castro, que foi acolhido por sinceros aplausos. O Sr. Dr. Jose Maria Velho da Silva recitou um poemetto inedito, onde o assoanbroso das machinas, o colossal das idéas deixavão o espirito pasmo e não sabendo se devia admirar ao mesmo tempo a metrificação melodiosa, a arte profunda, a elocução castigada e abemolada e o arrojo immenso da concepção. A leitura foi aceita com aplausos e o autor vingou-os com justica. O Sr. Cerqueira fez ouvir em o piano diversos motivos de sua composição sobre o *Orpheu aux enfers*.

Os Srs. Cantanheda Junior, Manoel Major, Almeida e Sá, Macedo de Carvalho, e Guedes lerão diversos trabalhos em prosa e verso, uns e outros escriptos em castigado stylo, phrase pura e correcta. Immensos aplausos distinguirão composições tão excellentes.

Fechou a parte, e com sello de ouro o Sr. Marcellino Valle exhibindo em a flauta variações sobre uma aria alémâ, seguido em o piano pelo Sr. Henrique Braga.

Se a primeira parte foi ingente, não somenos foi a segunda. Abriu a, e com encanto e com entevo a Exma. Sra. D. Carolina do Bomsucesso executando em o piano o *galop de bravoure* do maestro Asher, denominado *Sans Souci*. Não ha palavra que exprima o contentamento que ia em o auditorio quando applaudia una executação tão magistral quão intelligente!

Lerão varios trabalhos em prosa e verso diversos senhores. O Sr. Henrique Braga executou em o piano *Les Hirondelles*, e acompanhou o Sr. Marcellino Valle, que em a flauta fez ouvir variações sobre o *Carnaval de Veneza*.

A terceira parte foi encetada por um *nocturno* que o Sr. Cerqueira executou em o piano. Vendo pelos olhos de Homero, o distinto mancebo colheram inumeros aplausos.

Depois da leitura dos trabalhos dos Srs. Cândido de Mendonça, Gutierrez e Pereira Lima, o Sr. Marcellino Valle tocou habitualmente a polka de Reichert, a *Sensitiva*.

A meia-noite, executado em harmonica, piano e flauta o hymno da Independencia, erguidos os vivas do costume, encerrou-se a sessão.

Foi uma festa de intelligencia. Alli houve sacerdotes de letras e artes; parabens á elles!

Em o *Gymnasio* representou-se a comedie classica de Beaumarchais, intitulada o *Barbeiro de Sevilha*. A traducção é do Sr. Machado de Assis. O publico deve ter scienzia do que ella é e o quanto vale o traductor.

Os Srs. Furtado Coelho, Guimaraes e Vasques merecem sinceros encomios. A Sra. Ismenia e o Sr. Monclar precisão ainda algum estudo para desempenho cabal de seus papeis.

Em o *Lyrico Fluminense* levou-se á scena, em espectáculo de grande gala, o drama em 4 prologo, 5 actos e 6 quadros, *A cigana roubadora de crianças*.

Um conselho, e conselho de amigo. Semelhante drama não deve voltar á scena, é defeituoso, inverosimil, e não pôde agradar.

Os Srs. Arêas e Barbosa e a Sra. Ludovina mostrárão-se na altura de seu talento, fizerão verdadeiros esforços para a boa execução scénica.

No *Alcasar*, Mlle. Aimée e demais artistas executarão uma linda cantada: *Le Soleil de la liberté*, letras do Sr. Burgain, musica do maestro Mesquita e decoração de Léon Maurel.

Uma palavra, e só! A musica é excellente, nova e harmoniosa; a poesia agrada e satisfaz; a pintura é defeituosa, mas pôde passar: despeños sendes não matão um todo.

Poucas farão as demonstrações de apreço ao dia 7 de Setembro. A imprensa não disse uma palavra. O povo esteve com uma atomia d' alma que causou assombro!

Eis, caros leitores, em resumo, as notícias da semana.

Um coração de moça em um peito de velha.

D. Dorothea recuara atentita: dissereis mulher assustada que à borda de negro abysso viu bem lá no fundo uma serpe que a seduzia, com os olhos chamejantes aciuz.

Lourenço, entusiasmado, prosseguiu. Era elle maturata de Camões o D. Dorothea a sua

Alma minha gentil que te partiste.

Diz-se por ali que as coisas dão-se pelos nomes. A historieta de uma banana ou de uma cebola não tem por incidentes um par de livellatas, nem uma groza de botões.

Assim, corre como certo que Lourenço continuou a frequentar D. Dorothea, e que as suas visitas erão enfebre-

cidas e acaloradas. Trocava-se de parte à parte muito beijo doce e suave, muito amplexo gostoso. Durante alguns meses D. Dorothea enlevou-se n'aquelle *dolce fumiente*, e por fim propôz casamento a Lourenço.

Lourenço, que era por isso mesmo que morria, fez ponto final em sua vida de moço solteiro, e diz a legenda que logo depois do casamento jogou, perdeu muito dinheiro, e um dia fugiu para Portugal, seu ninho natal.

D. Dorothea, arruinada no phisico, arruinada nas algibeiras, foi viver á expensas do commandador Soares, que, bondoso de coração, menos quando propunha-se a emprestar dinheiro a 23 por cento, acolheu aquella a quem em outros tempos votara affeços e amor.

—
Velha que lembra-se de ser moça, arruina-se; é como a formiga que cria azas para perder-se.

FIM.

SIBILANTE.

Minha priminha.

9 de Setembro de 1866.

Será severa, hoje, tua prima, para com a amalgama dos ignorantes exportadores litterarios, pois que, no nosso paiz, o nenhum estudo do patrio idioma, concorre para perverter o genio da lingua e estarem esses fôlos esportadores a dar nos más mercadorias.

Tua prima, estudando muito, e sempre, os classicos, conhece ainda quanto lhe é necessário continuar n'esse labor para adquirir novos conhecimentos; mas a ignorância da construção portugueza e do emprego do infinito pessoal, idiotismo nosso, demonstrada em quasi todas as composições hodiernas, com rarissima excepção, obriga-me a transcrever-as na vossa *Pacotilha*.

A S. Illus. disse que expozesse o segniente:

1.º Da grei barrigadal esfomeada
E' da incuria a maior incuria.

2.º Restaure-se o libambo recem-morto
Arrazem-se montanhas de cascalhos
Não se deixe ficar sujo um só porto.

3.º Mas ó fado, ó fado da arte.

Como são, priminha, *bonitos e harmoniosos* estes versos dignos da exposição, principalmente o *fado d'arte*!

4.º E deixa os mais escriptores
Invocando outros assumptos,
Escrererem todos juntos
Muitas laudas de primores.

O poeta diz primores; primor é o seu *escreverem*!
O B. Vol. tambem pede a seguinte publicação:

Emfim o tal artigo phosphorecente cheirou-nos tanto a enxofre que *morremos asphyxiados*.

O escriptor, asphyxiado pelo enxofre, priminha, não seria tambem pelo *morrermos*? Pobre escriptor!

Teimos agora uma exposição magna do D. do Rio no dia 8:

1.º ... nós nos reunimos aqui com o pretexto da entidade geral, para *ajustarmos* o scandal contra que deve ter lugar entre nós e os caçadores da guarda....

2.º Se as espadas da universidade estivessem em seu lugar ordinario, não terião esperado a vinda da noite para fazerem algazarra em roda da Casa do Amigo.

3.º elles, para se divertirem podião incendiar o mundo.

Que traductor da *Rainha das Espadas*, de Paulo Feval! Ignora a sua lingua!!

Duarte Nunes de Leão, frei Luiz de Souza, Jacintho Freire, o padre Antonio Vieira e tantos outros mestres, e tambem o nosso professor Sotero dos Reis, do Maranhão, escreverão sempre estes verbos, que nesta carta se achão gryphados no infinito impersonal.

O infinito pessoal, que as linguas que o não tem, tanto invejão a nossa — só se emprega quando tem sujeito expresso ou occulto *diferente* do sujeito da oração por ella modificada.

Demonstrado fica a razão pela qual tua prima te envia tantos pacotinhos desse enxame de mercadores litterarios, que abandonando a mercadoria patria, tão excellente, a vão buscar estrangeira e de mão gosto.

Termine esta carta, minha priminha, com a sentença de Boileau:

*Sans la langue, em un mot l'auteur le plus devin
Est toujours, quoiqu'il fasse, un méchant ecrivain.*

Tua prima, AZUOS-AGARB.

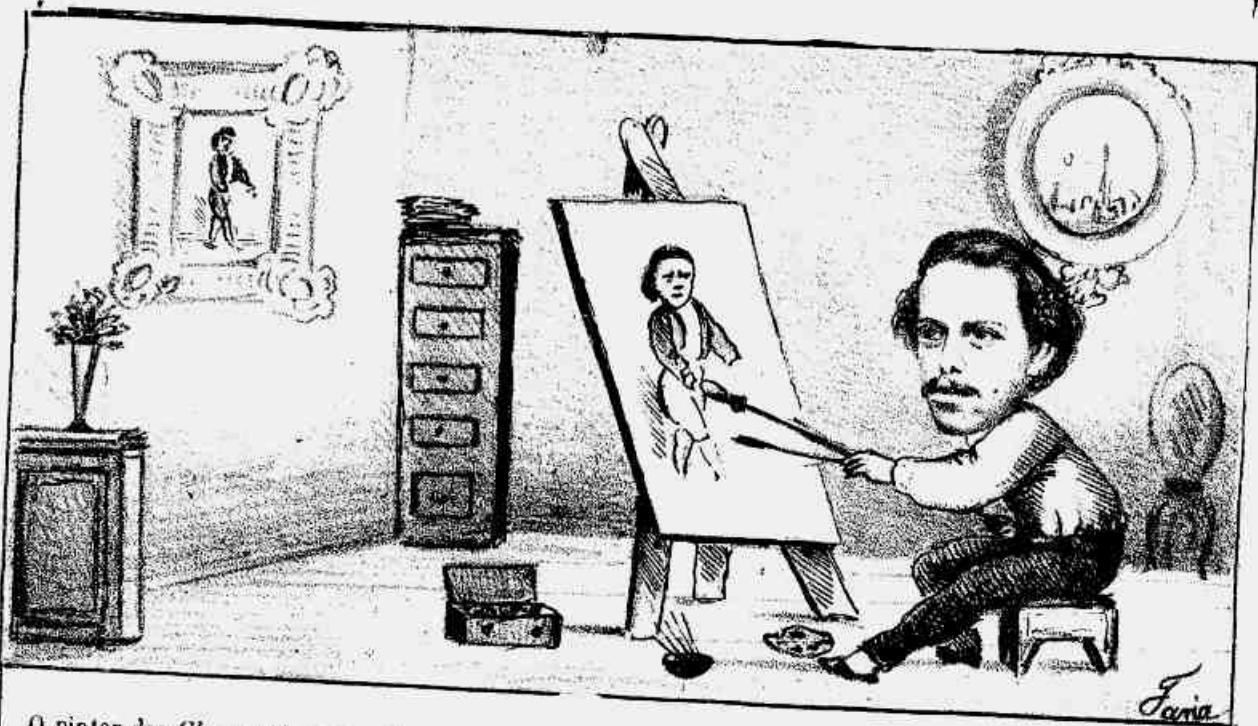
Guarda Nacional.

E' por demais digno de attenção o modo porque é sacrificado actualmente o cidadão!

Essa folha, que tem sempre advogado a causa do povo, não pôde deixar passar impunes faltas e abusos cometidos por aquelles que deverião ser os primeiros a cumprir os preceitos da lei.

Alguns individuos altamente collocados, cercados dos reflexos do sol da fortuna, ambiciosos de mando e de poder, frequentando ricos e tapeçados salões, soirées e lantos banquetes, desconhecem quaes os sofrimentos que pesão sobre essa classe a que elles chamão — pobre!

O cidadão, opprimido como se vê na quadra actual, sobrecarregado de impostos, é ainda obrigado a sujeitar-se ao capricho desses individuos!



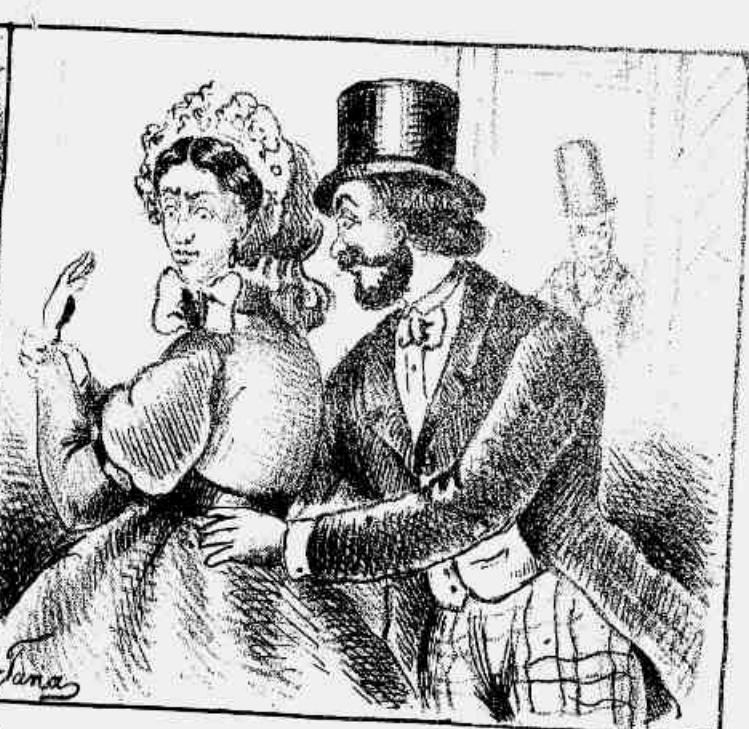
O pintor das *Chrysatidas* reproduz maravilhosamente o painel de Beaumarchais—*Barbeiro de Sevilha*



Grande iluminação a giorno do dia 7 de Setembro de 1866.
Erão mesquitos por cordas!!!

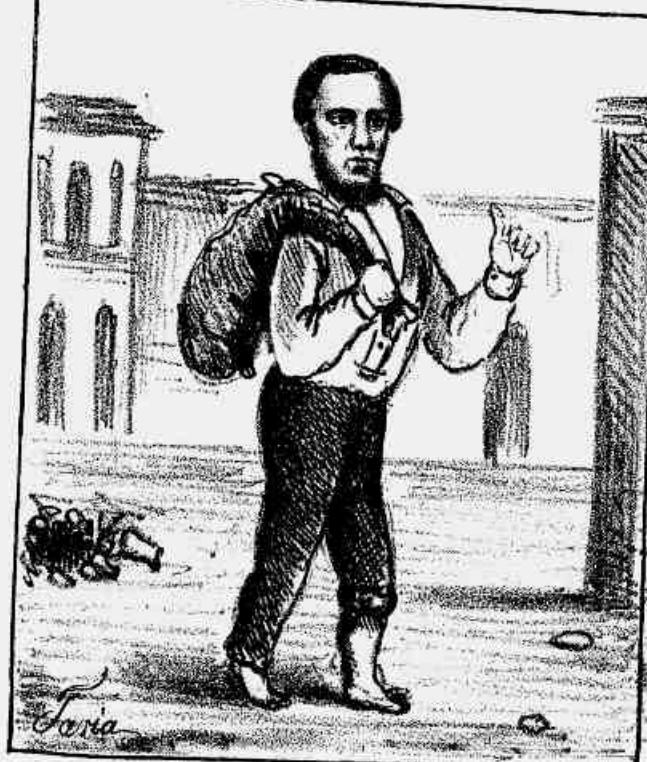
— Minha sobrinha, estou resolvido casar-me contigo.

— Ave Maria, meu tio! Eu casar-me com Vm. para ficar sendo minha tia??



— Que diabo estais a mirar por este oculto?
— Admire o esforço que fazem os artistas
para o desempenho da Robadora de crianças.

— Minha senhora, um beijo por caridade!
— Deixe-me; não toque-me na cintura que
me pisa o pulmão.



Trapeiro político.

Vou para S. Paulo e lá gosarei a consolação
de que fiz todo o bem possível ao mundo, e
maior somma de males ao Brasil.



Waterloo do rei do fogo.

Dos phospheros a explosão é esta!

Todos sabem o quanto a Guarda Nacional, desde os primeiros tempos até hoje, se tem prestado em defesa da integridade do imperio. Ninguem ignora que tem marchado grandes contingentes da mesma Guarda para o sul em desafronta da honra ultrajada da nação. Todos vêem os sacrifícios porque ella passa actualmente, ora dando guarda à cidade, ora destacamentos, ora procissões, etc., de cujos serviços tem resultado o ficar muitos pais de famílias desempregados e sem o pão quotidiano!

No entanto, para recompensa de todos esses sacrifícios, para cumulo de todas essas desgraças, é o pobre guarda nacional obrigado agora a mudar de fardamento!

O guarda, que tem perdido o seu emprego, que sustenta numerosa família, que ainda deve o fardamento que ha pouco mudou-se, poderá agora comprar outro!?

Malvadez! Será pouco o que tem feito a Guarda Nacional!?

Não servirá de exemplo a terrível quadra que atravessamos, que tem reduzido á miséria tantas famílias!?

Devemos tudo isto á esses indivíduos, que, desejosos de figurar, de estragar dous e tres pares de luvas por dia em passeios, empenhão-se para subir, e que gostão da farda.

Além disso, qual a lei que obriga o guarda a ter mais que um fardamento, ou a mudar o constantemente?

E falla-se em liberdade, em constituição, em direitos do cidadão! Todas essas palavras são uma phantasia inventada pelos nossos homens de Estado, para, acobertados com ella, calcar aos pés os seus mais santos princípios!...

O povo sofre, e uma só voz não se ergue em beneficio della! Nas camaras tem-se gasto o tempo em discussões futeis e frivolas; a politica domina, e dando largas ao egoísmo e ao patronato, fomenta a cruel revolução!

Achamos desnecessarias essas mudanças, ainda mais na época actual. A Guarda Nacional não deve ser por semelhante modo torturada. Nada de luxos, a guerra continua os recursos nos faltão, o commercio definhá, a lavoura morre, e nada de caprichos tolos!...

Chamamos para isto a atenção do governo, a quem compete, depois de reflectir bem, providenciar a respeito. O cidadão guarda nacional tem sido sempre fiel e respeitador dos santos princípios da Constituição e dos direitos de sua patria, e por isso.... para que açular o seu animo!

Cousas difíceis.

Um boi trepar n'um coqueiro.
Macaco fazer renda.
Ninho de rato em orelha de gato.
O mole entrar e o duro vergar.
Casar-se uma moça com um velho sem interesse.
Coçar um olho com o cotovelo.
Cortar o cabello a um calvo.

Fabula.

O PAI MACACO.

Um mono, forte, cadino,
Delambido, desordeiro,
Cason-se, e desse consorcio
Teve um filhinho tregueiro.

O mono mudou de vida,
Tornou-se serio, sizudo,
Era um prazer ver tal bicho
Grave nos gestos, em tudo.

E o macaquinho que viu
A paternal gravidade,
Foi o macaco mais serio
Que houve nesta cidade,

MORALIDADE

Com vexatorias medidas,
Com castigos corporaes,
Não é que se crião filhos
Que honrem as cans dos pais.

E nesse esboço grosseiro
Que tracei e que contempiô,
Quero provar qual a força,
O poder do bom exemplo!

A. B.

Charada.

Dobraida, sendo dos velhos.
Nas crianças me achareis;
Quer dos velhos, das crianças. 1
Uma syllaba tomareis.

Se tenho de Lima o nome,
Na Europa me acharás;
Ou por outra, se quizeres, 2
Mesmo aqui me incontrarás.

CONCEITO.

Sou especie conhecida
Na Europa e no Brasil;
Assão, cozinħão, m'ensopão,
Me fazem de formas mil.

A do n. 22 exprime a palavra—*Amortecido*.

**Carta do Tiberio Basilio Valerio ao tio
Ignacio das Mercês.**

IX.

Amigo Ignacio Mercès,
Estimo qu'esta cartinha
Vá achar-te desta vez.
Juntamente co'a sobrinha,
Boa vida desfrutando,
E algum sobre guardando.
Eu por cás, junto à *costella*,
Vou vivendo menos ou al.,
Enquanto a febre amarella,
Que anda na capital,
Não vier dar-nos um couce
Com a morte e sua fouce.
Talvez me tenhas taxado
De ingrato, d'esquecido,
Por ter-me ha tanto olvidado
D'escrever-te. Olha, sentido!
Deixemo-nos de chalaças,
As cousas não estão p'ra graças!
A gente da não do Estado
Anda n'uma crua briga;
Quer de um, quer d'outro lado,
Quer mesmo esses de liga.
Trabalhão para subir,
O que querem é engolir.
Até se falla em mudança,
Em troca, em composição,
Entre essa ministrança,
Porque forte oposição
Lhes fazem os deputados
Que se dizem mais *honrados*.
Os nossos parlamentos
Da carreira dos deputados
O que tem são palavrões!
Com discursos estudados
Vao sempre nos illudindo,
E o nosso sobre sumindo...
Lá também nesse senado,
No meio dessa velhada,
De nada tem-se tratado
Que mereça uma pennada:
O que fazem não sabemos...
Nem eu sei como vivemos!
Só s'encontra falsidades!
A política dominando!
E a custa de indignidades
Vão aliados fulminando
A fatal revolução,
Saltando a Constituição!

Por essa gente cercado
Vê-se o trono imperial;
E o povo governado
Por quem já guerra infernal
Fez à nossa monarchia
Nas margens da Santa Luzia!

Emfim, Mercès, deixa estar...
Vai dando, não tenhas dô.
Qu'eu tambem te heide ajudar;
Pois dizia minha avô:
Agua molle em pedra dura
Tanto bate até que fura...

As notícias da campanha
São bem más, são d'esfriar,
Porque todas vêm com manha,
Com péta que faz pasmar!
Se morrem mil e quinhentos,
Nos dizem—são quatrocentos.

Fui ao Lyrico permanente
Assistir à patacadá
Do Martinho e sua gente,
A essa boa massada...
Havendo nessa festança
Roubadora de criança.

Tambem fui, vou te dizer,
Ao *Barbeiro de Sevilha*,
Ao Gymnasio, para ver,
Que custou-me boa *ervilha*!...
E por fim foi-se o dinheiro:
Sempre é peça de *Barbeiro*...

Agora... do Alcazar...
Virgem da Conceição,
Tenho medo de fallar!...
Houve uma grande função,
Cantou-se, à Independencia,
Um hymno com effervescencia.

O nosso velho Eldorado
Em jardim se converten,
Onde Flora o seu reinado
Pomposo estabeleceu!
Ahi soltei ternos ais
Entre aromas divinas.

Aqui paro, faço ponto,
Passa fôra, só *matreiro*!
Não me faças ficar tonto
Que apagou-se o candieiro!
Lá vai mais este dictorio
Do teu amigo—*Tiberio*.



O pai de todos
Cria e engorda patos e paturis.